

Pecuária

Cresce o confinamento

Maria Gabriela O Tonini¹
Fabiano R. Tito Rosa²
Alcides de Moura Torres Jr³

A METODOLOGIA para estimar anualmente a quantidade de animais confinados no Brasil prevê, entre diversos parâmetros:

- O cruzamento de dados da demanda de alimentos concentrados e de suplementos minerais para a engorda intensiva;
- Alojamento de animais em boitéis;
- Demanda de bois magros;
- Opinião de produtores e compradores de gado;
- Venda de animais a termo;
- Respostas de questionários.

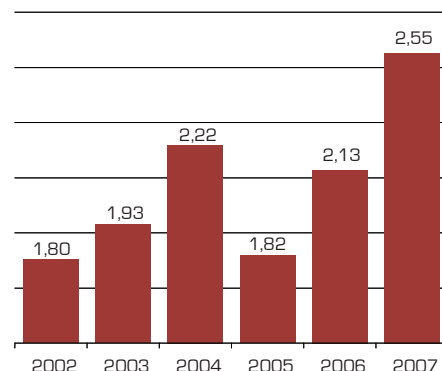
Neste ano, a estimativa é de que o número de animais confinados cresça 19,94%, em relação a 2006, acima de 2,5 milhões de cabeças. Tomando-se como base que o rebanho bovino brasileiro gira em torno de 200 milhões de cabeças, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Brasil confina 1,2% dele.

Mesmo com o aumento do custo de produção, a perspectiva de preços favoráveis e a necessidade de aumentar a produtividade resultaram em crescimento dos investimentos em confinamento.

Na média, de julho de 2006 a junho de 2007, os preços dos alimentos concentrados subiram aproximadamente 19,05%, enquanto os animais de reposição e o boi magro ficaram mais caros, respectivamente, 18% e 13%. Algumas categorias do rebanho subiram mais de 30%.

O estado de Goiás consolida sua posição no sistema de confinamento do Brasil. A produção goiana de grãos é responsável por 8,5% da total do País, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento

Brasil: bovinos confinados (milhões de cabeças)



Fonte: Scot Consultoria

(Conab). Em função dessa característica, os preços dos concentrados no estado variaram menos que em outras regiões. O aumento médio foi de 9,4%.

O crescimento das exportações de carne bovina e os investimentos em unidades frigoríficas também influenciaram no aumento do rebanho confinado no estado. Nos primeiros seis meses do ano, as exportações de Goiás, em faturamento, cresceram 159% comparadas com as de 2005 para 2006, e 26% com as de 2006 para 2007. Com o aumento da demanda dos frigoríficos por bois, cresce a quantidade de gado confinado tanto de produtores como por parte dos próprios frigoríficos.

Depois de Goiás, a maior expansão do confinamento aconteceu em Mato Grosso. A oferta abundante de concentrados (resíduos da agricultura) e os investimentos na construção ou ampliação de unidades frigoríficas, também foram os

motivos da expansão. As exportações de Mato Grosso também cresceram 50% no primeiro semestre deste ano, contra igual período de 2005. Entre 2005 e 2006, essa expansão foi de 130%.

Apesar do significativo aumento da quantidade de animais confinados de 2006 para 2007, Mato Grosso detém um rebanho confinado inferior aos de Goiás, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Em São Paulo, Minas Gerais e Paraná o crescimento do número de cabeças confinadas será menos significativo neste ano. Em Mato Grosso do Sul a expectativa é de crescimento moderado, acima do de São Paulo e Paraná, e menor que o crescimento de Minas Gerais. O embargo da União Européia à carne do estado foi prejudicial. É preciso considerar também a valorização dos animais de reposição, a dificuldade de compra, o aumento do preço dos concentrados e a tradição do estado em semiconfinar.

Os confinadores de grande porte são os responsáveis pelo aumento do volume de animais terminados no cocho. Com custo fixo elevado, não é recomendável deixar ociosa a estrutura instalada. Os internistas, com sistema de gestão profissional, investem para maximizar a escala da produção.

A quantidade de animais confinados poderia ter sido maior não fosse a dificuldade em comprar bois magros em condições ideais para a terminação no cocho. Muitos confinadores atrasaram a tomada de decisão e não conseguiram animais em quantidade e com qualidade. Uma parcela optou pela compra de fêmeas, para fechar a quantidade de animais pretendida.

Outro fator de influência é o “boi a termo”, que consiste na venda antecipada dos animais, com entrega física futura para o frigorífico, a preços fixados ou não. Quem faz a “trava” na Bolsa é o frigorífico. Do lado do comprador, a aquisição antecipada é interessante, principalmente com entrega prevista para a entressafra, quando o volume de matéria-prima diminui. É *hedge* de matéria-prima.

Pelo lado do produtor, a venda antecipada é positiva, pois garante preço e destino certo da mercadoria. Por isso, o confinamento, com “prazo de validade”, exige planejamento. Assim, as negociações de animais a termo praticamente se restringem a animais confinados.

O volume de animais negociados a termo em 2007 deve ser maior que em 2006. A partir do final de maio, a posição vendida na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) por parte de “Pessoas Jurídicas Não-Financeiras” – classe em que se encontram os frigoríficos (mas não somente eles) – começou a aumentar. Isso indica *hedge* de venda por parte de quem deveria fazer *hedge* de compra. Talvez seja por causa do “boi a termo”. O aumento do volume de compra por meio desse tipo de negócio é confirmado pelas indústrias, mas que não informam a quantidade de contratos celebrados.

Considerando o desfrute brasileiro em torno de 22%, o Brasil abate cerca de 45 milhões de cabeças por ano, portanto, para 2007, estima-se que 5,6% do gado abatido provenham de terminação em confinamento.

Apesar das boas expectativas de preços para a pecuária ao longo dos próximos anos, os animais confinados podem influir negativamente no mercado do boi gordo, principalmente se houver concentração de venda num espaço curto de tempo.

A distribuição planejada das vendas ao longo da entressafra, estratégia que já vem sendo adotada por boa parte dos produtores, pode afastar essa possibilidade. ■



Redução da oferta de boi eleva preço

Desde 2004, os pecuaristas amargam aumentos de custos e apertos nas margens de comercialização, diante da estabilidade de preços no mercado bovino. Para os frigoríficos, um cenário positivo que garantiu competitividade nas vendas internas e externas.

Para a presente entressafra, o quadro mostra outra realidade, com a redução na oferta de boi gordo para abate. A disponibilidade de boi é menor como resultado do longo período de abate de matrizes e falta de investimento pelos criadores.

Diante do abate de matrizes nos últimos anos, o mercado sente no presente a menor oferta e a subida de preços do bezerro. No interior de São Paulo saiu do intervalo de R\$ 360,00 a R\$ 380,00 no ano passado para R\$ 460,00 a R\$ 480,00. Um aumento em torno de 30%.

As análises do ponto de vista conjuntural apontam no sentido da mudança para uma fase de alta, a prevalecer durante pelo menos um ciclo de produção do animal. Mas existem fatores estruturais. A pecuária de corte nacional não é muito uniforme na questão tecnológica. Há espaço para ganho de produtividade e diminuição na idade de abate do animal. A subida de preço estimula o criador a investir na produção e o resultado aparece mais rápido.

Com a matéria-prima mais cara, os frigoríficos terão de compensar o fato com ganhos de eficiência em suas operações e nas vendas de produtos. É um teste para a escala das unidades maiores e nos programas de *marketing* com diversidade de cortes, em especial daqueles de valores menores.

A tendência é dedicar maiores esforços nas entregas externas, em que a rentabilidade é maior. Se a economia mundial não sentir os efeitos das turbulências nos mercados financeiros, a demanda pelo produto nacional continuará firme. Em julho último, o preço médio da tonelada, na exportação de carne bovina subiu para US\$ 2.691, contra US\$ 2.588 em junho e US\$ 2.520 em julho de 2006.

Por sua vez, com a entrada de animais de confinamento, o mercado começa a operar com menor nervosismo. O importante é entender que a recente subida de preço tem um componente estrutural, relacionado ao maior abate de fêmeas. Em condições normais, o preço do boi continuará bem acima dos praticados nos últimos anos. Imaginar uma retração no consumo é improvável, diante da expectativa de crescimento da economia nacional neste ano.

1 médica veterinária

2 zootecnista

3 engenheiro agrônomo